

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: Guarani SP 1408

Data: 29 de junho de 1990

Pg.: _____

Para índios do Brasil, 'índios' são os paulistanos



Sergio Tomisaki

OLYMPIO BARBANTI JÚNIOR
Da Reportagem Local

“Esses homens brancos são uns bruta índios”. Proposta como brincadeira reflexiva do preconceito existente, a frase da fotógrafa Maureen Bisilliat arrancou risos constrangidos dos “cara-pálidas” presentes à abertura da exposição “O Índio: Ontem, Hoje e Amanhã”, quinta-feira passada no Memorial da América Latina, em São Paulo. Na verdade, é essa a impressão que os índios têm da cidade grande: “índios” são os paulistanos. Metidos entre milhões de pessoas, vivendo brutalmente entre bandidos e assassinos, sonhando com um fim-de-semana em meio à natureza.

A reação dos índios que vivem ou são obrigados a passar um tempo em São Paulo é semelhante: o deslumbramento diante da tecnologia cede logo espaço ao isolamento, ao medo e a sentimentos de solidão. “Muita gente” —assim o índio Tchokrã, um caiapó vindo da fronteira do Mato Grosso com o Pará, resumiu todas as suas impressões paulistanas. Exatamente a mesma frase é usada por índios terena, wapixana e pataxó que isolam-se na casa mantida pela Fundação Nacional do Índio (Funai) no Paraíso, bairro da região central de São Paulo. Saem à rua apenas para o tratamento médico que os trouxe à cidade, e logo retornam. Preferem estar meses mal instalados numa espécie de abrigo-cortiço que lhes reserva a Funai.

Diante da TV, um grupo de 14 índios assistiu sem qualquer aflição o jogo entre as seleções brasileira e escocesa na última quarta-feira. Face aos gritos de emoção dos funcionários da Funai, limitavam-se a manter o ar distante, como se aquela parafernália comercial-futebolística ocorresse em alguma aldeia espacial, num mundo desconhecido.

Para os índios guarani, que vivem em São Paulo desde a colonização portuguesa, essas emoções são conhecidas e des-

Grupo negocia apoio alemão

Da Reportagem Local

Pela primeira vez no Brasil um grupo indígena está fazendo, por conta própria, acordo com uma fundação estrangeira. Os índios Karáí-Mirim e Guarapepó (José Fernandes), que moram na aldeia de Parelheiros, estão na Alemanha para obter da fundação Smidt a doação de cerca de US\$ 40 mil para construir um centro de cultura na aldeia do Morro da Saudade, em Parelheiros. O centro viabilizará a produção organizada de artesanato, hoje a principal fonte de renda dos guarani.

Quarto improvisado no quintal da Casa do Índio, no Paraíso (zona sul de SP), que abriga temporariamente índios terena, wapixana e pataxó



CACIQUE NÃO QUER AJUDA

O cacique guarani Nivaldo (foto) evita fotografias e achá que o homem branco, em princípio, não vai lhe dar nada de bom. “O índio sabe

cuidar do índio”, diz. Nivaldo chefia a maior comunidade guarani em São Paulo, com 200 índios na aldeia do bairro de Parelheiros.



Fotos Luiz Carlos Murauskas

TRABALHO PARA TURISTA VER

O artesanato é a principal fonte de renda dos guarani em São Paulo (na foto, a índia Maria ao lado de peças artesanais). Feito em sua

maioria pelas índias, os chocalhos e colares são vendidos a turistas por Cr\$ 200,00 cada. Para aumentar a renda, os índios vão à praça da Sé.

prezadas. Cerca de 300 índios guarani sobrevivem em quatro aldeias dentro da área urbana paulistana: duas em Parelheiros (zona sul), uma no pico do Jaraguá (zona oeste) e outra no M'Boi Mirim (zona sudoeste).

“Demos o Brasil para os brancos”, diz o cacique Nivaldo, na aldeia de oito alqueires do Morro da Saudade, em Parelheiros. Desassistidos pela Funai, eles vivem da agricultura de subsistência —milho, feijão, mandioca e batata-doce— e da venda de artesanato aos fins-de-semana, quando sua aldeia é invadida por turistas. Não há diversão nem dinheiro para isso. A única bola para o futebol dos jovens furou e o jogo está suspenso. “São marginalizados”, diz o médico Walter Labonia Fº, 41, da Secretaria de Meio Ambiente, que mantém um precário atendimento de saúde aos guarani no Estado de São Paulo. “A situação de saúde é grave, a desnutrição é generalizada e há várias doenças”, diz. Semifavelados, vivem sem opção entre sua cultura ancestral e a realidade dos “índios do asfalto”.